

# GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL EM DIÁLOGO COM AS NARRATIVAS DE VIAGENS QUEIROSIANAS

Rosana Carvalho da Silva Ghignatti<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo objetiva traçar um paralelo entre as narrativas de viagens do romancista Eça de Queirós com a Geografia Humanista Cultural. Para tanto, iremos analisar os principais lugares visitados pelo autor no Egito, destacando três deles: Alexandria, Cairo e o Rio Nilo. Após destacarmos o trajeto de viagem de Eça, faremos um estudo analítico da sua obra intitulada **O Egito**, tendo como apoio os fundamentos teóricos de Eric Dardel, Michel Collot, Gaston Bachelard e Yi-Fu Tuan voltados principalmente para a percepção da paisagem e a ligação do indivíduo com a Terra e o espaço. A nossa questão volta-se para o olhar do escritor português em torno de um lugar visitado, vivido e experienciado e como essa vivência trouxe impactos para as suas futuras obras. Desta forma, conceitos sobre espaço, lugar e paisagem serão problematizados tendo como ponto de apoio as teorias desenvolvidas por geógrafos e filósofos voltados para a Geografia Humanista Cultural.

**Palavras-chave:** Eça de Queirós, Narrativas de viagem, Oriente, Geografia Humanista Cultural.

---

1 Doutoranda em Literatura e Cultura na Universidade Federal da Bahia – BA, rosanacs26@yahoo.com.br

## A VIAGEM DE EÇA DE QUEIRÓS AO EGITO

A obra queirosiana amalgamada em romances, contos, narrativas de viagem, hagiografias, textos jornalísticos e correspondências é também perpassada por saberes vários, como os provenientes da filosofia, da sociologia, da história e, especialmente, da geografia. Desde os seus primeiros textos ficcionais, a exemplo do **Mistério da estrada de Sintra**, aos outros romances que consagraram Eça de Queirós como escritor realista como **O crime do padre Amaro**, **O primo Basílio** e **Os Maias**, observamos a geografia cartográfica de Portugal, seja em seus ambientes urbanos, em especial a Lisboa oitocentista, seja em seus ambientes campestres. Ruas, alamedas, bairros, casas e monumentos históricos são observados pela lente de um escritor que não apenas descreveu esses lugares em seus aspectos meramente físicos, mas reinventou paisagens através da sua ótica profundamente subjetiva.

Nesse sentido, tomaremos como ponto de partida a sua viagem oriental ocorrida em 1869, portanto, quando o escritor ainda era um incipiente jornalista. Ressalte-se, porém, que esta experiência no Egito, na Palestina e na Alta Síria foi decisiva para a carreira literária do autor, pois dela retirou elementos e inspiração para escrever textos ficcionais, jornalísticos e epistolares. Ao fazer a leitura dessas Narrativas de viagem<sup>2</sup>, pudemos entrar em contato com uma outra vertente da produção queirosiana, pois, ao viajar ainda jovem para o Oriente, o romancista escreveu verdadeiros quadros que oscilavam entre a fantasia<sup>3</sup>, fruto de suas leituras românticas colhidas na juventude, e a realidade, amadurecendo de forma processual, a sua estética literária realista. Eça de Queirós, ao visitar o Oriente escreveu sua experiência vivenciada nos locais visitados em cadernos ou folhas de papéis avulsos, sem, todavia, publicá-los em vida. Dessas experiências de viagem, por exemplo, não é apenas a descrição

2 A Edição Crítica das narrativas de viagem de Eça de Queirós está sendo organizada pelos professores Carlos Reis e Ceila Ferreira Martins e prevista para ser concluída em 2023.

3 Como viajante, o narrador oscila entre o encantamento da paisagem e a consciência crítica do civilizado experienciando novas culturas, novos modos de vida [...] À medida que os viajantes pisam em solo egípcio, uma inextricável mistura de verdade e ficção passa a governar o relato: nota-se a tensão entre o elemento lendário e a realidade, de que é testemunha o viajante, cujo olhar opera a contaminação do Egito da fábula – que tem por modelo um Oriente convenientemente idealizado – com o Egito real [...] Percebe-se como o narrador oscila entre a imagem estereotipada veiculada pelas lendas e narrativas maravilhosas e a averiguação local da ruína e da decadência (OLIVEIRA, 1997, p. 700).

física de um harém, de um bazar ou de uma mesquita que caracteriza **O Egito**, muito menos a mera descrição da topografia em seus aspectos naturais e artificiais, mas todas as discussões ideológicas que esses lugares acionaram na mente do escritor.

A Geografia Humanista Cultural<sup>4</sup>, por sua vez, constituirá o nosso embasamento teórico no tocante à análise de alguns lugares aos quais Eça visitou, pelo viés da percepção da paisagem. Michel Collot defende a ideia de que “a paisagem não é apenas vista, mas percebida por outros sentidos, cuja intervenção não faz senão confirmar e enriquecer a dimensão subjetiva desse espaço” (COLLOT, 2013, p. 26). Desdobrando a ideia citada, observa-se que quaisquer narrativas de viagem, sejam elas produzidas em épocas remotas ou atuais, trazem em seu bojo a descrição subjetiva da paisagem, observada pelo narrador viajante. Registros de costumes e dados culturais de lugares remotos, descrições vivas de aspectos naturais como o solo, a costa, as rochas, as praias, as montanhas, colinas e vales são filtradas pelo observador que as problematiza e as descreve, gerando assim uma cadeia de interpretações subjetivas a partir da experiência vivenciada pelo sujeito em determinado espaço. É nesse sentido que podemos relacionar a geografia com vários textos literários, especificamente com narrativas de viagem por ser esse gênero rico em descrições paisagísticas:

Os estudos que, no cruzamento do literário com o geográfico, encaram o espaço como uma construção humana, dotado, pois de significação social, simbólica, cultural e patrimonial, têm vindo a fazer um seguro caminho e têm permitido, no âmbito dos estudos literários, perceber como a representação do espaço raramente (ou nunca) é apenas um cenário impassível e imutável da ação humana, um quadro fixo para o agenciamento das ações e do que apenas “acontece”. Pelo contrário, nele se encaixam e ganham sentido os eventos da história, a casualidade dos acontecimentos, as instâncias e manipulações de poder, as ansiedades e desejos individuais. Numa palavra, o espaço é uma categoria atravessada por todas as formações e figurações do humano (FEITOSA, 2018, p. 17).

4 A partir da década de 1970, precisamente após os estudos de Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer e Edward Relph, é que a Geografia Humanista passa a ser reconhecida como campo autônomo da geografia.

A partir das reflexões propostas por Feitosa, podemos observar que Eça de Queirós escreveu com vivacidade e senso crítico as suas experiências em outro país, fazendo observações profundas sobre a cultura do Outro, onde a diversidade linguística, étnica e cultural perfaziam as cidades do Cairo, de Alexandria e de todo aquele espaço visitado pelo escritor no século XIX. Percorrendo os clássicos caminhos do Médio Oriente, conhecendo suas ruínas, mesquitas, templos, túmulos, museus e universidades, presenciando embevecido as danças, cantos e rituais religiosos, observa-se que, a seu modo, o escritor imprimiu suas impressões de viagem, oferecendo ao leitor suas reflexões. Destaca-se ainda que a narrativa de viagem é um gênero que possibilita a experiência vivida pelo escritor de seu encontro com o Outro, além de possuir, na sua essência, traços autobiográficos, resultando em uma escrita altamente subjetiva e memorialística

Assim, para o estudioso Yi-Fu Tuan “a importância dos acontecimentos na vida de qualquer pessoa está mais diretamente relacionada com a sua intensidade do que com a sua extensão” (TUAN, 2012, p. 203). Em séculos anteriores, por exemplo, a experiência de viagens de escritores europeus para continentes distantes, mesmo que essas viagens durassem poucos meses, foi decisiva para a escrita de relatos interessantes, que enfatizassem as suas impressões em torno do clima, do solo, da vegetação e dos costumes locais. É nesse sentido que vislumbramos a contribuição da Geografia Humanista Cultural nos estudos literários, pois ambas as disciplinas estão mais que imbricadas, fazem parte de uma rede de relações múltiplas que envolvem interpretações tanto da parte do leitor que lê esses relatos, quanto da parte do escritor que vivenciou aquela experiência.

## **PERCEPÇÕES ACERCA DA PAISAGEM NAS NARRATIVAS DE VIAGEM QUEIROSIANAS**

A partir do pressuposto de que a Geografia Humanista Cultural valoriza a experiência do sujeito em determinado ambiente, podemos perceber que Eça de Queirós utilizou-se de sua própria percepção para ler, entender e compreender o espaço geográfico oriental, especificamente o Egito, lugar no qual o escritor passou mais tempo durante a sua viagem. A paisagem surge como uma vertente da *geograficidade*, proposta por Eric Dardel, atualizada e relida pelo geógrafo, pois, ao contrário do que se acreditava em séculos anteriores, como algo rígido e engessado, ela

surge como “um fenômeno que muda, segundo o ponto de vista que se adota, e que cada sujeito reinterpreta em função não somente do que ele vê, mas do que ele sente, experimenta e imagina” (COLLOT, 2013, p. 18, grifo nosso). Compreende-se assim, um olhar todo particular em volta do Oriente pelo romancista português, capaz de transmitir emoções vivíssimas sobre a cultura egípcia, reinterpretando a paisagem partindo de seu próprio ponto de vista, experiência e sensibilidade, afinal “é a estrutura da sensibilidade, aliada à memória e experiência, que instaura o conceito, a noção de paisagem” (FIGUEREDO, 2010, p. 44).

A motivação de Eça de Queirós para conhecer o Egito se deu inicialmente por conta da inauguração do Canal de Suez, evento marcante para o século XIX, que agregou diversas personalidades políticas e históricas e envolveu interesses materiais entre alguns países europeus e o próprio Egito. Eça, além de ter assistido à inauguração ao lado de grandes nomes do seu tempo, já se mostrava um intelectual perspicaz em torno da observação dos costumes daquela região e do comportamento dos ocidentais que ali estavam para vivenciar aquele evento.

No entanto, não foi apenas as descrições das festas de Suez que alimentaram o espírito imaginativo do escritor, levando-se em conta que o seu olhar se voltou também para o estudo do espaço ao seu redor, criticando a interferência humana na paisagem e suas consequências para o meio ambiente. Dessa forma, Eça de Queirós denuncia a desfiguração da paisagem natural como consequência da construção do Canal e, a partir deste ponto, observamos a linha de interpretação do escritor português, na medida em que “na história de nossa civilização, o desenvolvimento da paisagem foi frequentemente acompanhado pelo indivíduo” (COLLOT, 2012, p. 12). E a denúncia não se limita apenas àquela destinada à construção do Canal pois, durante o percurso da sua viagem pelos principais pontos históricos do Egito, o mesmo tom de inquietação em torno da paisagem degradada se faz notar, exemplo típico quando Eça visita a cidade do Cairo:

O Cairo, visto da Cidadela, é o Cairo histórico, dramático, sombrio. É a imensa cidade escura, pobre e arruinada, caindo em pedaços. A vista mergulha naquela temerosa espessura e só encontra paredes que se desmoronam, largas alastrações de ruínas, aparências de miséria, recantos dolorosamente escuros [...]. Sente-se ali um passado antigo e cheio de história: as tributações dos conquistadores [...] os vestígios dos canhões de Kléber, dos incêndios, dos saques e das ruínas que deixaram as lutas entre

sultões, quedivas e pachás. Alia, a história sangra. O Cairo morre de todas as feridas que lhe tem feito cada um dos governos, que lhe têm dado uma dentada – e que têm passado! E, para empregar as antigas comparações dos profetas, a cidade decadente tem o aspecto duma velha, que depois de se vender, de reinar, perdidos os direitos, cortados os cabelos, cheia de lepra, de rugas e de miséria, se cobre com pedaços de estofos que encontrou do caminho, e se estende ao sol, a catar os farrapos e a ouvir correr a água (QUEIROZ, 1946, p. 115-116).

A intervenção humana na paisagem responde pela sua alteração e, em um sentido mais amplo e contemporâneo, implica em problemas ambientais refletidos nas diversas partes do globo terrestre. Além da crítica aos desmandos políticos que a cidade sofreu ao longo do tempo, observa-se que Eça transita entre o ideal e a realidade em torno do que presenciou durante toda a sua viagem para o Egito. Isso porque, ao avançarmos na leitura, encontramos no mesmo capítulo da citação anterior, denominado “O Cairo”, uma interpretação mais positiva e poética da cidade, vista através de um novo ângulo pelo escritor português:

O Cairo, visto da mesquita de Tulune, é, pelo contrário, a cidade-joia, a cidade poética das *Mil e uma noites* [...] é um vasto quadrado, cercado de um tríplice arcada, que a luz enche magnificamente. Do alto do minarete, a cidade mostra-se em toda a sua beleza oriental. Todos os tons brandos se confundem: as casas resplandecem à luz, aparecem ramos de palmeiras, e a multidão infinita dos minaretes ergue-se até ao horizonte (QUEIROZ, 1946, p. 117).

Assim, Eça transita por dois caminhos que se interpõem constantemente em suas narrativas de viagem: a idealização, influenciada pelas suas leituras<sup>5</sup> preparatórias de viagem e a dura realidade deste ideal,

5 “O Oriente que Eça persegue na sua viagem é [...] um Oriente “dejà vu”, um Oriente textual, criado pelo imaginário europeu, ao longo dos séculos [...] Um Oriente que, então, se revelou *estranho*, diferente da imagem familiar sedimentada por séculos de leitura, e reflexões” (BERRINI, 1993-94, p. 43. Grifo da autora). Com relação às leituras orientalistas que Eça de Queirós fez, Luís Manoel de Araújo informa que Flaubert e Renan foram escritores que fizeram parte dos hábitos de leitura ecianos, além das “experiências de viagem de Théophile Gautier, Maxime Du Camp, Gerard de Nerval, Edmond About, Hippolytte Taine [...] entre outros. Uma fonte de inspiração foi sem dúvida a Bíblia [...] Além de obras sobre a história da civilização egípcia [...] Serviram-lhe ainda as fotografias e gravuras mostrando os

ao observar também ruas imundas, arquitetura deteriorada pela ação do tempo e também pela intervenção humana, além da paisagem que ora mostra-se exuberante, ora aparece desgastada e feia. Essa dicotomia entre o feio e o belo, vida e morte, claro e escuro, exuberância e ruína, alegria e tristeza irá acompanhar o nosso escritor por essa aventura rápida, mas ao mesmo tempo rica em experiência, sensações e lembranças duradouras.

Refletindo sobre a interação do homem com o espaço, Eric Dardel diferencia espaço geométrico de espaço geográfico:

O espaço geométrico é homogêneo, uniforme e neutro. Planície ou montanha, oceano ou selva equatorial, o espaço geográfico é feito de espaços diferenciados. O relevo, o céu, a flora, a mão do homem dá a cada lugar a singularidade em seu aspecto. O espaço geográfico é único; ele tem “nome próprio”: Paris, Champagne, Saara, Mediterrâneo (DARDEL, 2015, p. 2).

Segundo Dardel, é a presença humana que dá verniz às descrições das paisagens, caracterizando percepções específicas, de acordo com o olhar de quem as emite. Na obra queirosiana é possível delimitar três espaços orientais nos quais o autor imprimiu sua percepção acerca da paisagem: Alexandria, Cairo e o Rio Nilo. Na descrição do passeio que faz pela cidade de Alexandria, por exemplo, observa-se uma certa tensão na escrita, principalmente com relação à ocidentalização da paisagem urbana e os resquícios de um Oriente ainda presente. O escritor descreve a Praça dos Cônsules como “enorme, cercada de vastas casas, hotéis, consulados, bancos, casinos e casas de negociantes levantinos” (QUEIROZ, 1946, p. 42), revelando ao leitor a intensa urbanização europeia que algumas cidades muçulmanas já estavam sofrendo, devido à influência francesa e inglesa. Segundo nosso autor, a presença maciça de europeus na cidade de Alexandria moldou certa paisagem mercantilista e a sua crítica recai sobre o comportamento daquelas pessoas em torno de ambições:

---

monumentos do passado faraônico, sobretudo dos locais mais famosos do Antigo Egito” (2000, p. 69). Ainda sobre estas leituras, outros estudiosos também trataram desta temática em estudos biográficos. Para um melhor aprofundamento desta questão, consultar os textos de Maria Filomena Mónica, capítulo “No Egito” do livro *Vida e obra de José Maria Eça de Queirós* (2001, p.73-74) e também de João Gaspar Simões, com os capítulos “A experiência oriental” e “Regresso do Oriente e encontro com Ramalho”, do livro *Vida e obra de Eça de Queirós* (1973, p. 198-237).

É uma cidade baixamente mercantil. As colônias que a habitam, gregos, italianos, marselheses, estão ali de passagem: oprimem, sugam, engordam, alcançam escravas no Fayoum e encerram-se nas suas casas pretensiosas, cheios de comida, de agiotagem e de sensualidade. O movimento é todo comercial, rápido, precipitado. As ruas são ladeadas de armazéns; as carroças deixam sulcos na lama. O interesse, a aspereza do ganho, o estado de colonos espoliadores, dão um aspecto de brutalidade e de avidez àquela população (QUEIROZ, 1946, p. 43-44).

Eça de Queirós escreve sua crítica social com relação aos interesses ambiciosos das potências europeias, que, em parte, foram responsáveis pela descaracterização da essência de cidade oriental e histórica, ao mesmo tempo em que cita a presença de alguns resquícios desta mesma cultura que aos poucos vai se perdendo. Dessa forma o romancista descreve marcas de cidade oriental presentes ainda na Alexandria capitalista e cosmopolita do século XIX, na medida em que “sente-se ali o Oriente. Um sol pesado, e morno cobre o lago. Passam fileiras de camelos; felás, carregados, correm, com as túnicas azuis cheias de ar” (QUEIROZ, 1946, p. 42). A escrita, quando volta-se para a descrição da paisagem oriental, parece retroceder no tempo, e a linguagem caracteriza-se por um certo tom de lentidão, na qual o leitor sente-se atraído para um passado longo e idealizado.

Denis Cosgrove, ao estudar os aspectos simbólicos e culturais da paisagem, considera que o estudo de “pinturas, poemas, romances, contos populares, músicas, filmes e canções podem fornecer uma firme base a respeito dos significados que lugares e paisagens possuem, expressam e evocam, como fazem fontes convencionais “factuais” (COSGROVE, 1998, p. 110, grifo do autor). Compartilhando da opinião do geógrafo britânico, podemos afirmar que Eça buscava ansiosamente por um Egito histórico, uma Alexandria ricamente ornamentada por uma arquitetura milenar, entretanto, a partir do momento em que não encontra o que tanto almeja, a sua escrita passa a transitar entre o ideal e a triste realidade encontrada.

Outro espaço que Eça de Queirós descreve e se debruça em observações profundas, diz respeito ao Rio Nilo, que surge de forma recorrente nas suas Narrativas de viagem. É notável o entusiasmo do escritor frente à esplêndida beleza do rio, contrastando com o tom de tristeza e decepção com relação a outros lugares visitados no Egito. Luís Manoel de Araújo, por exemplo, afirma que a palavra Nilo surge cento e sete vezes nas narrativas queirosianas, acrescentando ainda que o rio está “presente em

praticamente todos os capítulos, e a ele dedica o escritor as suas impressões recheadas de envolvente poesia” (ARAÚJO, 2000, p. 78).

A experiência de Eça de Queirós no Rio Nilo, portanto, relaciona-se ao sentimento de afeição (topofilia) ou aversão (topofobia) em torno do lugar, haja vista que “toda relação com o lugar produz sentimentos que podem levar a percepções diferentes sobre o espaço” (TUAN, 2012, p. 76). Mesmo admitindo que ele não passou muito tempo no Egito, pois o escritor esteve naquele país por aproximadamente dois meses, deve-se levar em consideração que ele desenvolveu sentimentos afetivos, apesar de passageiros e entusiásticos, em torno de determinadas paisagens e o Rio Nilo, ao ser citado várias vezes e em diversos capítulos, é reflexo dessa afeição desenvolvida pelo escritor.

Eric Dardel, ao classificar o espaço aquático como algo vital, necessário para o desenvolvimento de todos os seres vivos, também faz referência à importância do sujeito como atento observador da dinâmica das águas, cuja escrita ultrapassa temas científicos<sup>6</sup> para dar espaço à sensibilidade. Assim, segundo o geógrafo, “é ao homem, antes de tudo, que se dirige a escrita movente das águas. Ele é o único ser para o qual pode ter um significado. Sem a presença do homem o mar não passa de um eterno monólogo” (2015, p. 22). Acrescenta ainda que

[...] A água corrente, porque é movimento e vida, aplaina o espaço. Rimbaud evoca isso: “É um vão de verdura onde um riacho canta/A espalhar pelas ervas farrapos de prata” [...] O registro afetivo da alegria propõe seu vocabulário para qualificar o mundo aquático. O *riso* das águas, o trinado ou a canção do riacho, sonoridades alegres da cascata, a amplidão feliz do grande rio. Apelo à alegria, vivacidade material do espaço, juventude transparente do mundo (DARDEL, 2015, p. 20, grifo do autor).

Relacionando os estudos de Dardel às diversas impressões que o Rio Nilo causou no espírito de Eça, vemos que o escritor português não poupa adjetivos, comparações e posições entusiásticas para moldar a sua escrita, aproximando-a ao máximo das suas impressões, na medida em que, “a paisagem é uma grande planície verde, marejada de água. Não há paisagem tão serena, tão humana, tão docemente fecunda: nenhum

6 “Talvez seja frente ao espaço das águas que se mostra melhor a insuficiência de uma atitude meramente intelectual, de um saber que, instrumentado pela razão, reifica complacientemente os fenômenos” (DARDEL, 2015, p. 23).

contraste, nenhuma violência de perfis de montes – tudo largo, liso, imenso e coberto de luz” (QUEIROZ, 1946, p. 60). E as águas do Rio Nilo, que tanto seduziram o olhar do jovem viajante, é presença constante em suas narrativas, através de um aspecto profundamente humanizado e poético:

A água penetra, corre, alarga-se por toda a parte, afoga a verdura das plantações, as searas, as culturas, numa fecundante abundância. Aquelas raízes estão saturadas: as águas são como estradas que se cruzam, como as inúmeras malhas duma rede. Restos de inundação cobrem os campos, e as palmeiras assombream pequenos lagos, onde se banham os patos e as garças (QUEIROZ, 1945, p. 61).

A imaginação<sup>7</sup>, aliada ao conhecimento mítico e histórico em torno do lugar e à própria vivência do escritor, ampliou e qualificou sua percepção em torno da paisagem e o resultado é uma escrita poética e ao mesmo tempo crítica, pois não esquece de denunciar as condições subhumanas dos felás<sup>8</sup> na região do Nilo e a falta de cuidado com o rio, subjugado a dinastias seculares pois,

Os antigos conheciam sete ramos do Nilo: como o Pitão mitológico, o Nilo mergulhava as suas sete cabeças no mar. No entanto, o tempo, as areias, o desleixo das dinastias persas, a incúria turca, a inércia árabe, a falta de canais e de diques, fizeram com que cinco ramos se enludassem, secassem e se lhes perdesse os vestígios (QUEIROZ, 1946, p. 51).

A citação acima inicia o segundo capítulo das Narrativas de viagem, intitulado “O Delta”. Apesar de Eça apresentar logo uma crítica sobre a falta de cuidados com o Rio Nilo, observa-se que, no decorrer do relato, o entusiasmo contagia o espírito do escritor e o que vemos é uma escrita com nuances de motivação, na qual a paisagem adquire novas cores, através de uma prosa poética fluida e repleta de significados simbólicos, afinal, “onde chega a sua água tudo floresce e germina” (QUEIROZ, 1946, p. 52). Além da descrição sobre a importância do Rio Nilo para toda a região do

7 “Epistemologicamente, a imaginação é investida de uma importância superior à da razão clássica. Esse privilégio dado à imaginação é que vai repercutir no campo da poética geográfica” (GRATÃO, 2010, p. 143).

8 Camponês egípcio.

Egito, Eça destaca que as funções do rio são muito mais abrangentes que as meramente naturais, na medida em que “[...] sendo o fundo da vida agrícola, é o fundo da vida civil. Tem instituições, legislações, festas, preces, guardas, pregões [...]” (QUEIROZ, 1946, p. 53). Assim, o escritor pôde observar a intensa movimentação de pessoas das mais diferentes classes sociais em torno do Rio Nilo, ora trabalhando, durante os períodos de seca ou enchentes, ora simplesmente contemplando a sua paisagem ou até mesmo exercendo funções políticas. É o homem visceralmente arraigado à terra, à paisagem que o acolheu, como nos ensina Dardel.

Em Alexandria e no Cairo, por sua vez, o que mais chamou a atenção de Eça talvez tenha sido a desagregação da paisagem “original” em detrimento da chegada dos costumes europeus, ao mesmo tempo em que o romancista se deslumbrou com a diversidade cultural daquelas pessoas provenientes de várias regiões. A movimentação das ruas, as vestimentas, o comportamento dos vendedores ambulantes, aliados à paisagem secular encantou e proporcionou a Eça material sólido para suas futuras criações artísticas, exemplo encontrado no romance **A relíquia**, no qual a personagem Teodorico Raposo refaz em clave paródica a viagem do escritor ao Oriente. As suas Narrativas de viagem hoje merecem ser estudadas, analisadas e problematizadas através de uma perspectiva interdisciplinar, afinal, a história, a geografia e a sociologia perfazem toda a narrativa sobre um espaço plural, diversificado e rico em impressões paisagísticas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação do homem com a paisagem se dá de maneira múltipla e ao mesmo tempo complexa. Eça de Queirós, jovem viajante, ansioso por conhecer novas culturas e poder problematizá-las, vivenciou intensamente a sua experiência no Egito, ao acompanhar as festividades do Canal de Suez, ao observar as ruas multicoloridas do Cairo, ou até mesmo ao ficar indignado com as injustiças impostas aos felás. Conhecimentos históricos e geográficos acerca da cultura egípcia embasam as páginas que completam suas Narrativas de viagem, tornando-as um documento vivo sobre os mais diferentes assuntos referentes ao Egito Antigo e Contemporâneo. Dessa maneira, a implicação entre história, geografia, arte e cultura aliada à percepção da paisagem desenvolvida pelo escritor, relaciona-se diretamente aos conceitos de *geograficidade* estudados por Eric Dardel. Nesse sentido, observamos que Eça de Queirós se inseriu nas

discussões políticas do seu tempo e, mesmo estando em um país distante do seu, não poupou adjetivos para classificar e problematizar questões políticas e sociais que permearam o Egito no século XIX.

Assim, pudemos observar que o escritor, inserido em um contexto histórico cultural específico, pôde acionar seus conhecimentos prévios acerca da História do Egito, ao mesmo tempo em que desconstruía conceitos fortemente arraigados e engessados, frutos das leituras orientalistas de seu século. Os estudos referentes ao felá constituem uma das mais ricas e profundas análises sociais desenvolvidas por Eça de Queirós em sua obra, enquanto que a descrição de mesquitas, túmulos e haréns sinalizam para lugares de intenso significado cultural. O romancista também percebeu que a paisagem de algumas cidades do Egito, como Alexandria e Cairo, foi se modificando bruscamente, acompanhando assim o desenvolvimento da industrialização europeia. Enfim, são impressões que, pelo mosaico de temas oferecidos ao leitor, não se esgotam nesse estudo.

Aqui, procuramos fazer um breve recorte de três aspectos paisagísticos contidos na obra **O Egito**, embora saibamos que as narrativas de viagem queirosianas apresentam um rico painel de assuntos variados. Vestígios de cultura milenar, ocidentalização de ruas seculares, bazares que deslumbraram os olhos de Eça, tudo isso foi minimamente observado, transcrito, analisado, estudado. A paisagem, funcionando como um elemento central, desencadeou um conjunto de sensações, percepções e lembranças no escritor, foi a companheira inseparável na composição daquelas Narrativas de viagens recheadas de cultura, simbologias, realismo e poesia.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Luís Manoel de. **A viagem oriental de Eça**. *Camões*: Revista de Letras e Culturas Lusófonas. Lisboa, abr.-set. 2000, n. 9-10, p. 68-74.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BERRINI, Beatriz. **Teodorico Raposo**: o peregrino, o historiador, o memorialista. *Revista Queirosiana*. Porto, 1993/94, n. 5-6, p. 39-59.

COLLOT, Michel. **Rumo a uma geografia literária**. *Revista Gragoatá*, Niterói, n. 33, p. 17-31, 2º semestre, 2012.

COLLOT, Michel. **Pensamento e paisagem.** Paisagem e literatura. In: *Poética e filosofia da paisagem.* Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

COSGROVE, Denis. **A geografia está em toda parte:** cultura e simbolismo nas paisagens urbanas. In: CORREIA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura.* Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 92-122.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica.** Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FEITOSA, Márcia Manir Miguel Feitosa. **A representação do espaço e do poder em Mário de Carvalho:** uma apologia da subversão. São Luís: Café & Lápis, 2018.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros. **Paisagem em três lições.** In: ALVES, Ida & FEITOSA, Márcia (Orgs.). *Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos.* Niterói: Eduff, 2010, p. 43-52.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. **O “Rio” – Araguaia! Pela perspectiva da geopoética.** In: ALVES, Ida & FEITOSA, Márcia (Orgs.). *Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos.* Niterói: Eduff, 2010, p. 139-162.

HOLZER, Werther. **A geografia fenomenológica de Eric Dardel.** In: DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica.* Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 141-159.

MÓNICA, Maria Filomena. **Eça:** vida e obra de José Maria Eça de Queirós. Rio de Janeiro: Record, 2001.

OLIVEIRA, Silvana Maria Pessoa de. **Riquezas rutilantes:** o relato de *O Egito*, de Eça de Queirós. In: *150 anos com Eça de Queirós.* Anais do III encontro internacional de queirosianos. São Paulo: FFLCH/USP, 1997, p. 697-703.

QUEIROZ, Eça de. **O Egypto:** notas de viagem. Porto: Lello & Irmão, 1946, v. 23.

SIMÕES, João Gaspar. **Vida e obra de Eça de Queirós.** Lisboa: Bertrand, 1973.

TUAN, Yi – Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 2013.

TUAN, Yi – Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 2012.